

TOUROS

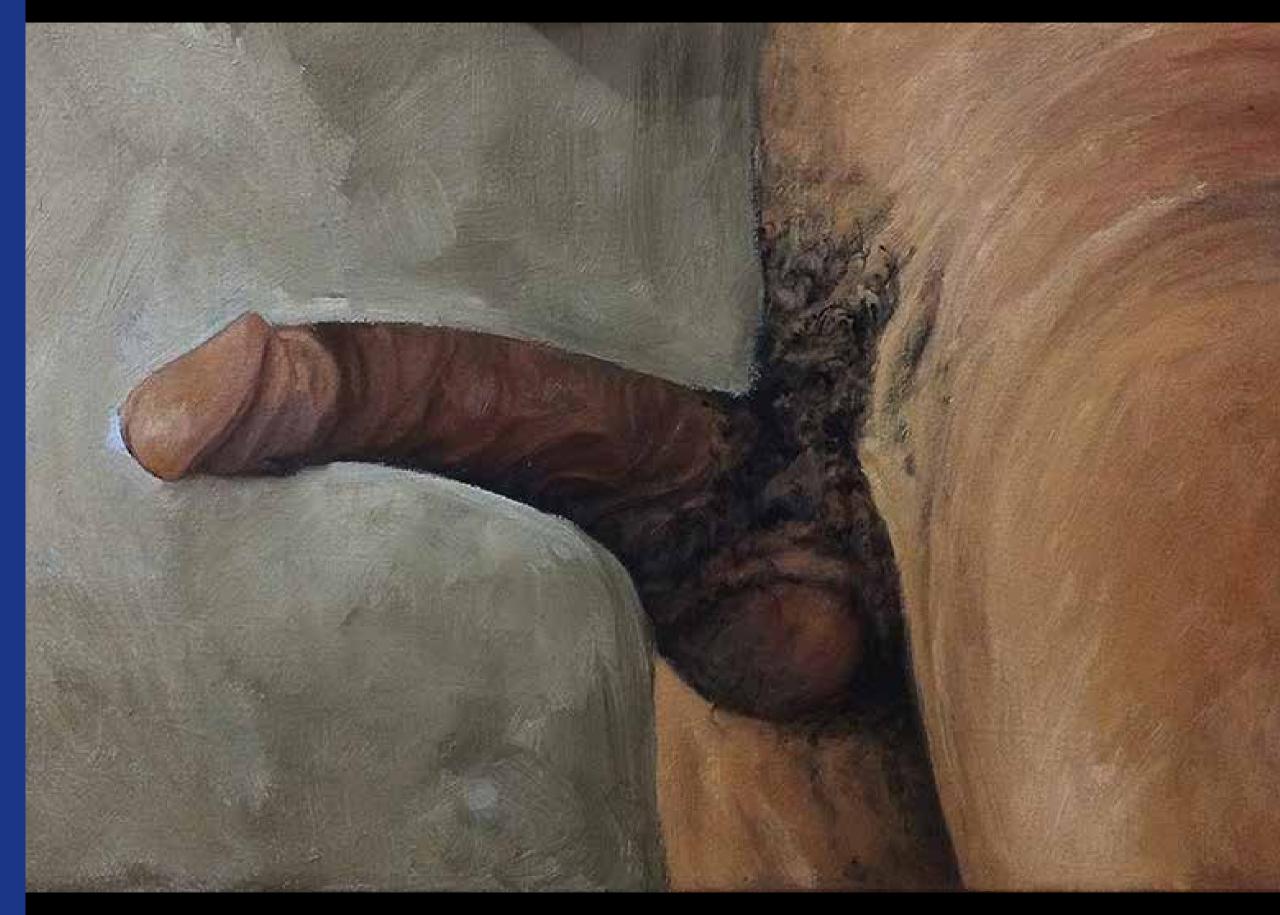
por Marcio Marianno

"Em uma breve busca usando a palavra *Bull* – que é Touro em inglês – em um grande site de vídeos pornográficos, constatei que os 20 primeiros vídeos relacionados a esta palavra, eram de homens pretos denominados *black bulls*, touros pretos, fazendo sexo com mulheres brancas.

No mercado pornográfico, a palavra Bull/Touros faz referência a machos alfa (comedores) que aparecem principalmente em filmes com personagem Cuckold, que vem do inglês cuckoo e faz referência ao "cuco", cujo macho na natureza, aceita e abriga em seu ninho uma fêmea promíscua. Assim, uma pessoa cuckold é aquela que gosta de imaginar, de saber ou de ver, o próprio companheiro tendo prazer com outra pessoa (ou pessoas).

Essa fantasia, à primeira vista, não parece nada ruim para nós, homens pretos, pois vivemos em uma sociedade onde a masculinidade precisa ser afirmada a todo momento.

Quantos de nós já ouvimos um "e aê tripé!" ou "negão é foda, ó o tamanho"?



FALO® é uma publicação bimestral. novembro 2020. ISSN 2675-018X

versão 02.02.21

edição, redação e design: Filipe Chagas corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme Correa e Rigle Guimarães. site: Pedro Muraki

capa: Multi-shaft 8, acrílica sobre tela de Brent Ray Fraser (2018).

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a representação da masculinidade na Arte. Há, portanto, imagens de nus masculinos, incluindo imagens de genitália masculina. Consulte com precaução caso sinta-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



Editorial

primeira edição de 2020 saiu durante a pandemia e a última também. Quem diria que a segunda década do novo milênio iria colocar a humanidade no canto, de castigo, pensando nas merdas que fez, faz e parece que ainda quer fazer. Ainda assim, devemos continuar. Devemos refletir, ressignificar e entender que do jeito que estava não dá mais. E essa BLUE EDITION chega nessa vibe.

Precisei tomar a decisão de um "retorno às origens". Foi na primeira Blue Edition (edição n° 5) que a Falo Magazine cresceu: ela passou de 2 para 3 artistas e ganhou uma coluna nova – a *Falocampse*, com matérias tangentes às temáticas da revista, escritas por um colaborador. Dez edições e dois anos depois, o trabalho pesou, já que o compromisso de entregar um material de qualidade sempre foi apenas meu. Assumi funções que foram criadas para outros (a pedido de outros) e passei a ter que produzir 110%. Então, essa edição volta a ter dois artistas e a Falocampse não existe mais. Na verdade, a coluna veio o ano todo associada à minha coluna (Falorragia) e talvez poucos tenham dado conta disso. Caso surjam pautas interessantes ou eu colocarei como Especial ou na minha própria.

Dito isso... Meus caros... Essa edição está INCRÍVEL!!! Pra começar, temos uma celebridade na capa. Isso mesmo. Brent Ray Fraser é conhecido como *The Naked Artist* e percorre programas mundiais de talentos fazendo o que sabe de melhor: pintando

com o pinto! Literalmente! Pelado em redes nacionais! Em palcos com multidões! Desde que criei essa revista, eu sabia que precisava entrevistá-lo. Não foi fácil entrar na agenda dele, mas para isso a pandemia serviu.

E essa edição está TÃO diversa! Desde as folhas de guarda* com o pertinente questionamento de Marcio Marianno até ao universo romântico do fotógrafo Ryan Stanford; das tableaux-vivant do surrealista Steven Arnold à coluna Falatório; da seção moNUmento a uma provocação artística que resolvi inventar... Pois é... o editor corta aqui, mas inventa dali.

Estudando o conto d'A nova roupa do imperador, notei que não havia ilustrações que realmente retratassem a história e aí veio o estalo: por que não convidar artistas para fazer uma releitura? Passei a mão no telefone (expressão que entrega minha idade) e convoquei dois amigos talentosozerézimos que teriam toda liberdade de falar "tá loka, fia?". Ambos aceitaram e os resultados – óbvio – são de cair o cu da bunda!

Aliás, cu que também está sendo abordado aqui! Não é bem ele, mas, no Mês de Prevenção do Câncer de Próstata, resolvi falar do *Ponto P* (que 2/3 dos meus seguidores responderam desconhecer em uma enquete pelo Instagram). Acho que esse evento global único que estamos vivendo está deixando bem claro o quanto nós homens precisamos cuidar de nós mesmos, física e emocionalmente.

Cuidem-se!

Filipe Chagas, editor

Sumário

| Brent Ray Fraser | 6 |
|-----------------------------------|----|
| Ryan Stanford | 24 |
| FALO DE HISTÓRIA Steven Arnold | 44 |
| FALO EM FOCO | 63 |
| ESPECIAL "O rei está nu!" | 64 |
| FALORRAGIA Cadê o Ponto P? | 72 |
| FALATÓRIO | 78 |
| BIBLIÓFALO The Male Nude | 80 |
| FALO com VOCÊ | 84 |
| moNUmento | 87 |

* Folhas de Guarda servem para unir a capa dura ao corpo do livro e também para protegê-lo.





Quarenta anos, acrílica sobre tela, 2020.



Brent se lembra que desde os três anos quis viver uma vida criativa e, por isso, passou a se envolver em uma ampla variedade de atividades que o levassem para esse caminho ("como, durmo, cago, mijo e respiro arte"). Foi também na infância, quando pintava seus sonhos com os dedos e uma imaginação selvagem ("ainda me lembro como a tinta fazia barulho por entre meus dedinhos"), que percebeu a importância do toque em seu processo criativo ("me apaixonei por fazer arte na primeira vez que toquei na pintura").

Em determinado momento de sua trajetória artística, desejou capturar sua excitação sexual como arte e decidiu se masturbar com tinta, pressionando a ereção na tela. Depois de cinco anos e centenas dessas pinturas, Brent pensou em tentar usar seu pênis como pincel e começou a recriar obras de arte em grandes murais.

O pênis é o objeto mais exclusivo do planeta. Cada pau tem suas próprias características e personalidade. É a ferramenta mais criativa da história: uma vez que espalha a semente da vida. Seja ereto ou flácido, fornece um efeito diferente e requer estratégias exclusivas. Agora meu pênis se envolve em uma grande variedade de formas de arte e mídias.

Na página anterior e abaixo: Só a pontinha 8 e 24, impressão do pênis em acrílica sobre tela, 2018.





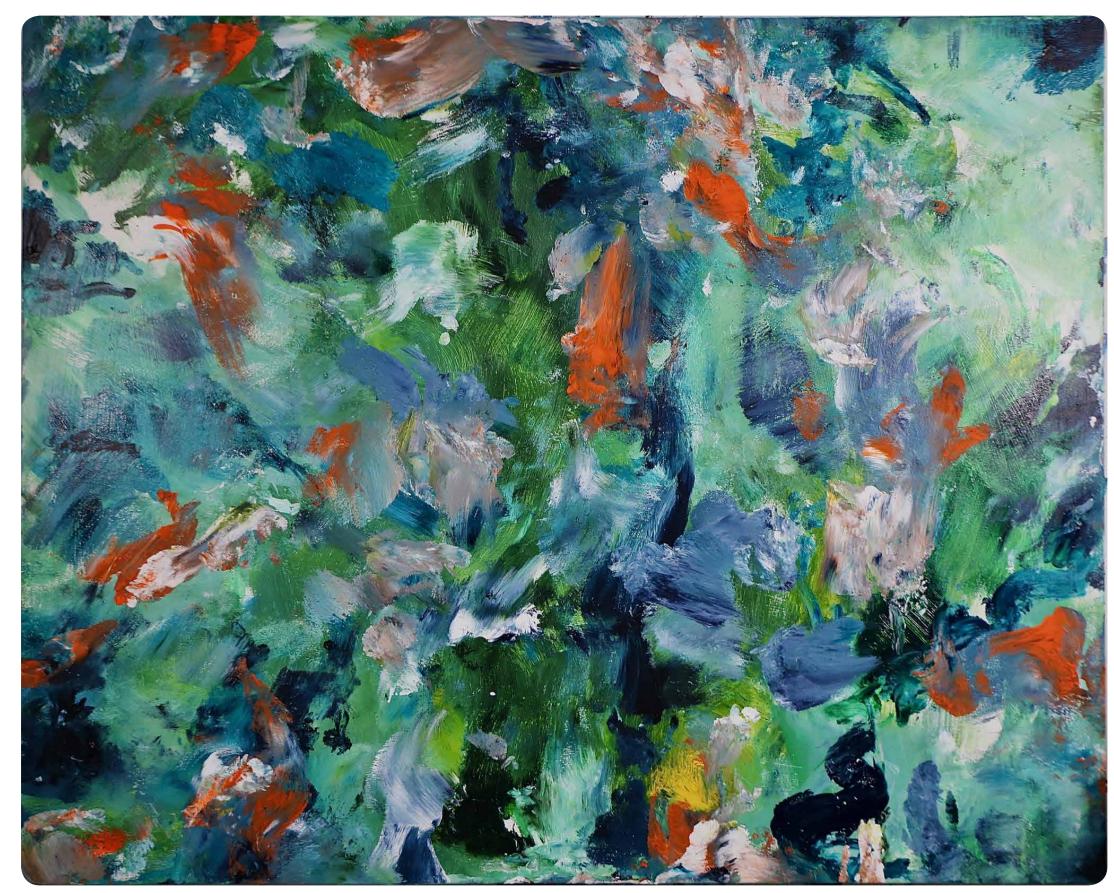
Acima: Nas profundidades róseas, acrílica sobre tela, 2020.

Ao lado: *Lago de carpas*, acrílica sobre tela, 2020.

Abaixo: Brincando em nuvens púrpuras, acrílica sobre tela, 2020.

Todos são pinturas abstratas feitas com o pênis.









Para os espectadores, pode parecer um simples ato de adicionar tinta ao pênis, mas é mais complicado do que isso: além de usar um creme de barreira para impedir que as toxinas da tinta o afetem, Brent precisa não só acertar a quantidade de tinta para garantir que sua pele não esfregue na superfície e cause sangramento ("tive muitos sustos no passado devido ao atrito repetido em superfícies ásperas"), mas também lidar com uma ferramenta "atada" a seu corpo.

Acima: Virgem Maria, acrílica sobre tela (fundo com impressões da mão e imagem feita com o pênis), 2015.

Na página anterior: Davi 1, 2 e 3, acrílica sobre tela (fundo pintado com os dedos e imagem feita com o pênis), 2015.







Acima: JFK, acrílica sobre tela (fundo pintado com as mãos e imagem feita com o pênis), 2014.

Ao lado: Eu andei em campos de espinhos, acrílica sobre tela (fundo pintado com o pênis e flores pintadas com impressões dos testículos), 2018.

Abaixo: Trump em vermelho, acrílica sobre tela (fundo pintado com as mãos e imagem feita com o pênis), 2016.





Desenvolveu, então, técnicas e equipamentos que demandam de sua potência física. A pintura rápida com o pênis era o mais desafiador, mas ele conseguiu estabelecer uma maneira segura e eficaz de fazer isso ao longo dos anos. Para algumas obras murais, por exemplo, Brent fica suspenso em espacate completo a la Van Damme entre duas escadas fixadas no chão e usa alças especiais fixas na parede. Ele mesmo diz que é "como assistir a um ato circense", o que, na verdade, podemos associar as performances pictóricas de Jackson Pollock que transformaram o ato de pintar em algo tão ou mais importante que o resultado artístico final.

É importante esclarecer que apesar dessa imagem pitoresca que se tem ao ver um homem pintando com seu pênis, Brent é um excelente artista! Sua obra abstrata – especialmente seus "autorretratos" (as impressões de seu pênis, que chamou de Monoprints, e de seu corpo, os Body Rituals) – guarda semelhança com as Antropometrias de Yves Klein*.

* Em 1960, o francês Yves Klein realizou um evento performático onde modelos nuas eram besuntadas de uma tinta azul criada pelo artista e "marcavam" seus corpos pintados sobre a tela. Essas "Antropometrias" foram repetidas algumas vezes, inclusive, na presença de público e com orquestra.





Acima: Amor próprio 1, acrílica sobre papel, 2020.

Na página anterior: *Ritual 8*, acrílica sobre tela, 2016.

Ao lado: *Iluminado* 2, acrílica com pigmento fluorescente sobre papel preto, 2020.

Abaixo: Ritual 3, acrílica sobre tela, 2016.





Acima: *Flutuando como um*, acrílica sobre madeira (fundo pintado com as mãos e impressões do pênis), 2013.

Abaixo: *Monoprints 20, 31 e 74*, acrílica sobre cartão colorido, 2019.













Acima: Bolas 1, 10 e 34, acrílica sobre madeira, 2019.

Abaixo: Espiando um maravilhoso, suave, brilhante deleite escondido, acrílica sobre tela, 2014.



É redundante dizer que Brent celebra o corpo humano independente de tamanho, forma ou idade. Não à toa costuma dizer que sua arte é ele mesmo e, portanto, utiliza todo seu corpo seja como ferramenta de criação ou modelo para peças exclusivas. Contudo, vê a grande mídia e as redes sociais tanto aumentando o espaço expositivo quanto cerceando a liberdade artística.

A sociedade ocidental não é tão livre quanto pensamos. A sexualidade é varrida para debaixo do tapete, mas se você tira isso deixamos de existir. O Kanamara Matsuri no Japão tem pais usando óculos escuros de pênis, enquanto seus filhos chupam picolés em formato de pênis! Monges carregam enormes esculturas fálicas em um desfile celebrando o Falo de Aço! No entanto, aqui é tudo tabu. A nudez frontal deve ser adotada, não controlada.







Acima: Amor (Autorretrato), réplica da ereção do artista combinada com um revólver, feita de granito e plástico rígido, montada em suporte de carvalho feito à mão com placa de metal exclusiva, 2020.

Ao lado: A dor alimenta a coragem, réplica da ereção do artista banhada a ouro de 24 quilates, montada em suporte de carvalho feito à mão com placa de metal exclusiva, 2015.

Flor do Falo, réplica da ereção do artista, feita de plástico rígido com flores artificiais.

Na página seguinte: *Obra-prima arco-íris*, réplicas da ereção do artista, feitas de plástico rígido, vitrificadas com resina de alto brilho, presas em um painel de madeira por um suporte de metal intercambiável, 2020.









Por ter sido muito tímido, utiliza seu exibicionismo como uma forma de combater a indesejada introversão bem como quebrar barreiras e ampliar a aceitação do corpo humano como Arte. Dessa forma, uma de suas missões como artista passou a ser viajar todo o mundo participando de programas famosos de TV para mostrar seu trabalho inclusive em países onde a nudez frontal é proibida. As pessoas reagem de várias maneiras: da vergonha à excitação, das piadas às ofensas; porém, em sua maioria, o retorno é positivo, inspirado e libertador.

Nossos medos são constantes, enquanto nossas mentes giram em uma miríade de pensamentos e emoções. Usando apenas meu corpo vulnerável, eu crio cada pintura para obliterar meus medos e celebrar a vida em toda a sua glória diversa. Me torno um ser humano livre e expressivo quando faço arte e meu público se alimenta dessa energia. Pintar assim é libertador não abenas para mim.

Brent acredita que todos nós temos a liberdade de criar e nos expressar como quisermos, porém, nem todo mundo tem a oportunidade de se sentir inspirado ou mesmo saber como explorar essa intuição. No caso dele, sua arte é um equilíbrio de tudo que é sexual. Quando solicitam conselhos, sempre diz para não deixar os medos impedirem a expressividade e aproveitar os processos artísticos com segurança, corpo e alma. 8=D

Brent Ray Fraser por Steven Menendez, 2019.







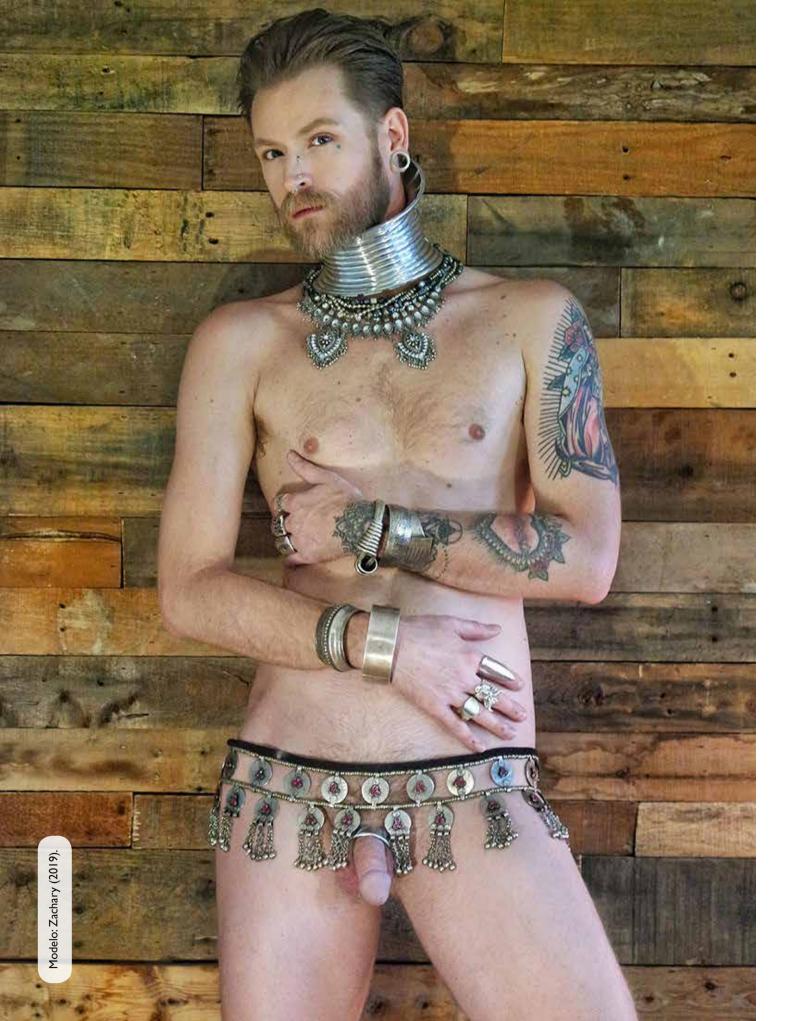
Minhas fotografias parecem as cartas de amor que os cavaleiros escreviam para as damas da corte com quem nunca poderiam ficar, mas serviam de inspiração, fantasia e talismã enquanto iam para o combate. E, apesar de sonhar com garotos lindos que não posso ter, também curto a colaboração, o turbilhão de ideias e o encontro para criar juntos.

Me sinto o plebeu convidado a ir ao castelo por apenas algumas horas para encontrar um príncipe, mas tenho essas fotos e a arte para me dizer que não foi um conto de fadas, que o romance foi real, mesmo que por apenas duas horas. Sou o eterno cavaleiro escrevendo poesia sozinho à luz de velas, exceto que minha pena e papel são uma câmera e uma fotografia.

A fotografia retrata com precisão as conexões e intimidades que temos por duas ou três horas. Então, o caso termina e a edição começa.









Modelo: Adam (2019).



Modelo: Dustin (2019).

30

Modelo: Cesar (2019).

A nudez na fotografia surgiu na vida de Ryan de forma aleatória. Estudou História da Arte, Francês e Alemão na Carolina do Norte. Ele era fotógrafo de arquitetura e urbanismo em Los Angeles quando foi convidado por um amigo desesperado a substituir uma desistência repentina em um cabaré queer. Suas fotos das performances receberam muitos elogios e seu amigo o contratou. Como seu amigo estava sempre apto a tirar as roupas na primeira oportunidade, Ryan acabou fotografando seus primeiros nus.

Mesmo com seu início na arquitetura, Ryan sempre se sentiu um documentarista da vida nas cidades em transformação. Então, começou a entender sua fotografia como um legado ("sinto que a arte que crio viverá depois de mim"), uma conexão verdadeira com a beleza e a intimidade masculinas.

Busco capturar os momentos, os olhares, as conexões fugazes. Meu foco está muito mais no rosto e no interior do homem para trazer significado à nudez do que o foco total nos nus masculinos. Para retratar a profundidade psicológica do homem, mostro seu corpo. Cada corpo masculino é tão semelhante em suas diferenças que surge uma alquimia entre algo totalmente novo, mas tão familiar exatamente ao mesmo tempo. Minha fotografia celebra a forma masculina tanto quanto celebra a humanidade e a personalidade de cada homem. É vital para minha arte descrever tanto o exterior quanto o interior para que ela dure e, espero, inspire.

Abaixo: Samuel (2020). Na página seguinte: Sebastian (2019).











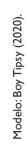
















Acima: Esteban (2019).

Abaixo: Joel e Ali (2020). A preferência pelo pênis flácido em sua fotografia vem do sentimento inerente de equivalência entre a ereção e o sexo, mas, como ele bem lembra, todo homem sabe que isso não é verdade, pois "ficamos duros o dia todo e são apenas nossos corpos". A ereção só aparece em seu trabalho se for para fazer pensar, para desafiar o observador já que "o maior e mais importante órgão sexual é o cérebro". Isso também o leva a buscar a diversidade dos corpos em seus tamanhos, cores, origens e gêneros.







Modelo: Gunner Saint James (2020).



Modelo: Daved (2020).



Acima: Brad (e Ryan refletido). Abaixo, o fotógrafo em ação (2020).



Ryan ama o humor, ironia, ambigüidade, mas crê que o respeito pelas nuances e o pensar por si mesmo tem ficado cada vez mais raro. Aponta os ciclos históricos como referência para os dias atuais, lembrando que depois da Antiguidade Clássica veio a Idade das Trevas e durante o Renascimento ainda existia a Inquisição. Para ele, as coisas estão muito mais conservadoras e corporativas, o que dificulta a aceitação à nudez e gera até mesmo uma veia puritana nos que se dizem liberais. Ter que lidar com a reação de pessoas que deveriam ser aliadas é algo que o incomoda profundamente e até mesmo o desconecta da comunidade LBTO+.

Dessa forma, ele costuma dar três importantes conselhos para quem quer trabalhar com a nudez masculina de forma artística:

- I. Lembre-se de que existe uma tradição artística que vem desde a época em que os humanos desenhavam em cavernas passando pela arte superior da nudez greco-romana. Respeite a tradição e eduque-se.
- 2. Pense por si mesmo sem se preocupar com os "guerreiros da justiça" nas redes sociais. É uma multidão fanática e nem sempre religiosa. Por séculos, a Igreja Católica financiou os melhores e mais importantes artistas da História que eram gays. Portanto, eduque-se sobre isso também.
- 3. Finalmente, pergunte a si mesmo o real motivo de estar fazendo isso. Sua resposta talvez seja diferente da minha, mas não perca de vista o que o inspira e sempre se esforce para ir mais longe. A nudez por si só é básica; mostrar a humanidade através do nu é arte. Encontre a sua visão.





Acima: Brody (2020). Abaixo: Marco (2019), Trip (2020) e Brad (2019).











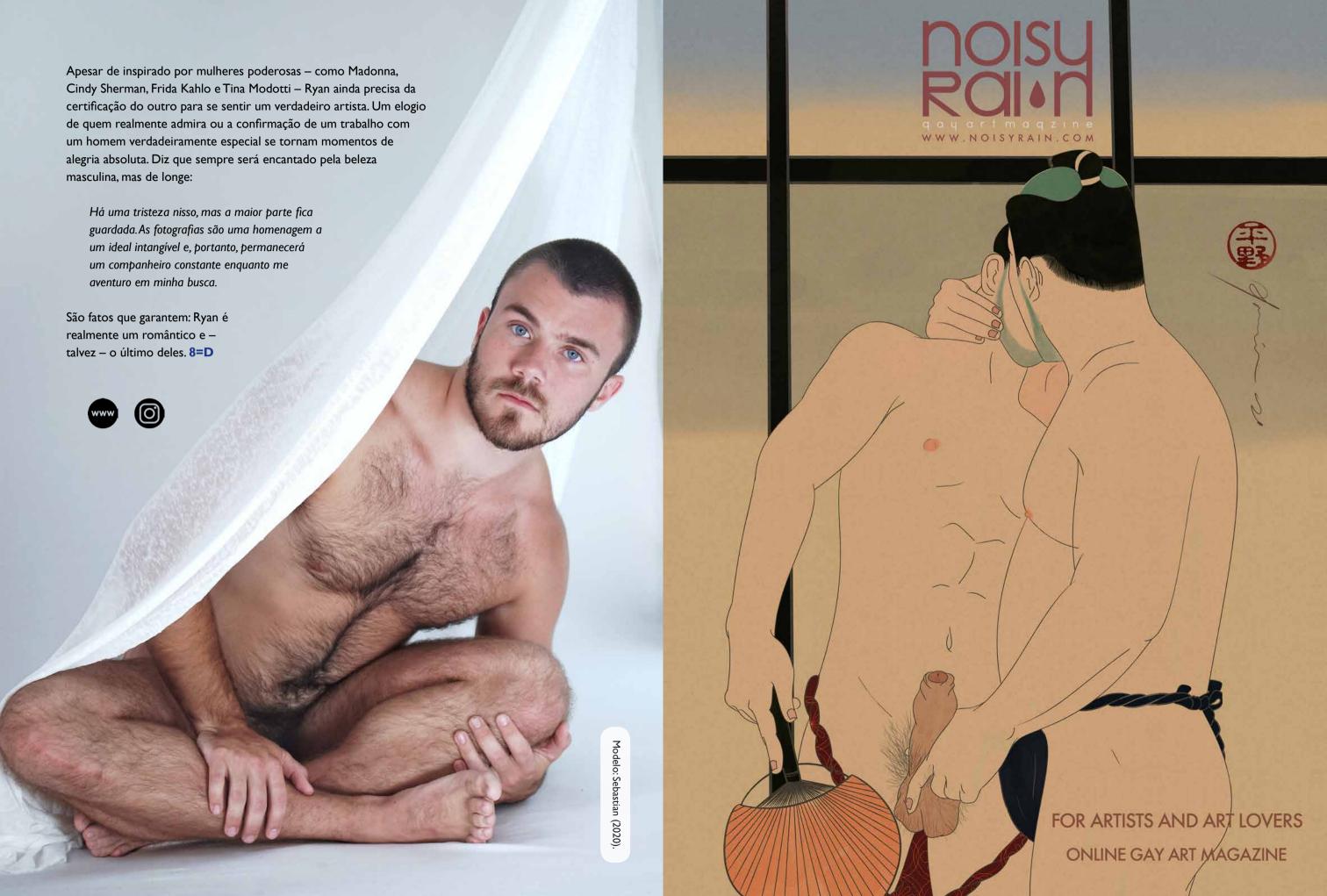














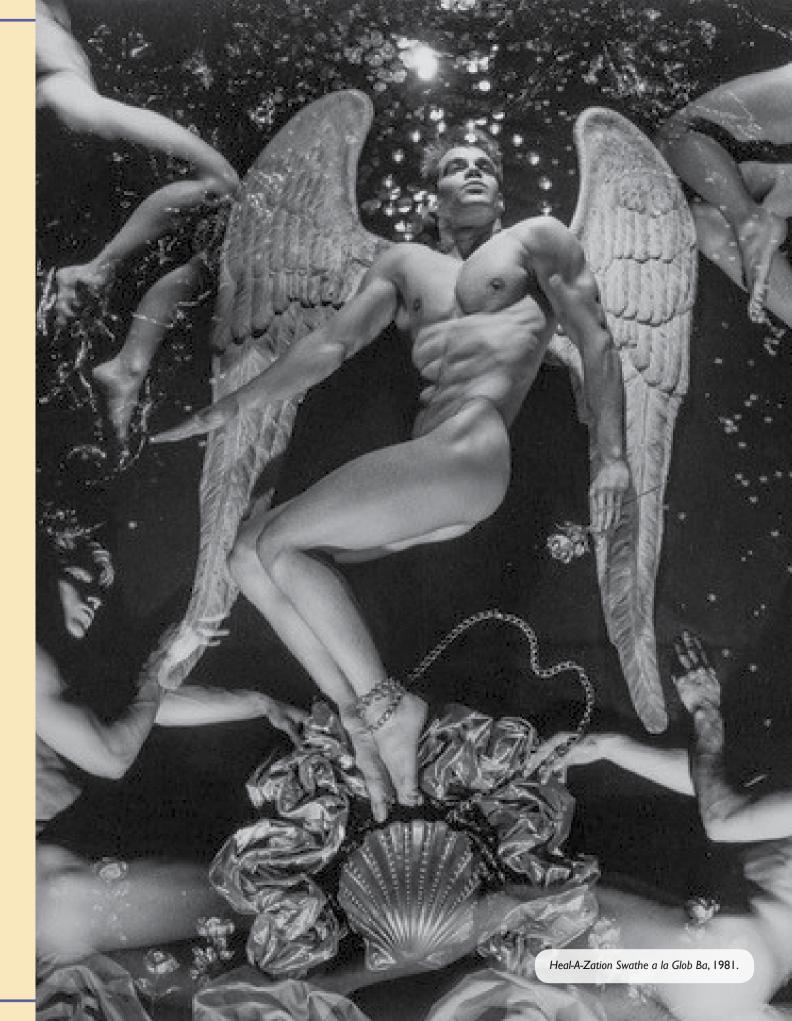
ineasta, fotógrafo, cenógrafo, figurinista, pintor, ilustrador...

Steven F. Arnold (1943-1994)
foi um artista multidisciplinar conhecido também por sua ligação com Salvador Dalí.

Por volta dos cinco anos, encontrou no sótão de casa um baú com fantasias e maquiagens teatrais pertencentes a seu tio e passou a se transformar para a divertir seus familiares. Sua mãe costureira e seu pai balconista de ferragens encorajavam suas fantasias e permitiam que ele construísse cenários e fantoches para fazer shows para as crianças da vizinhança.

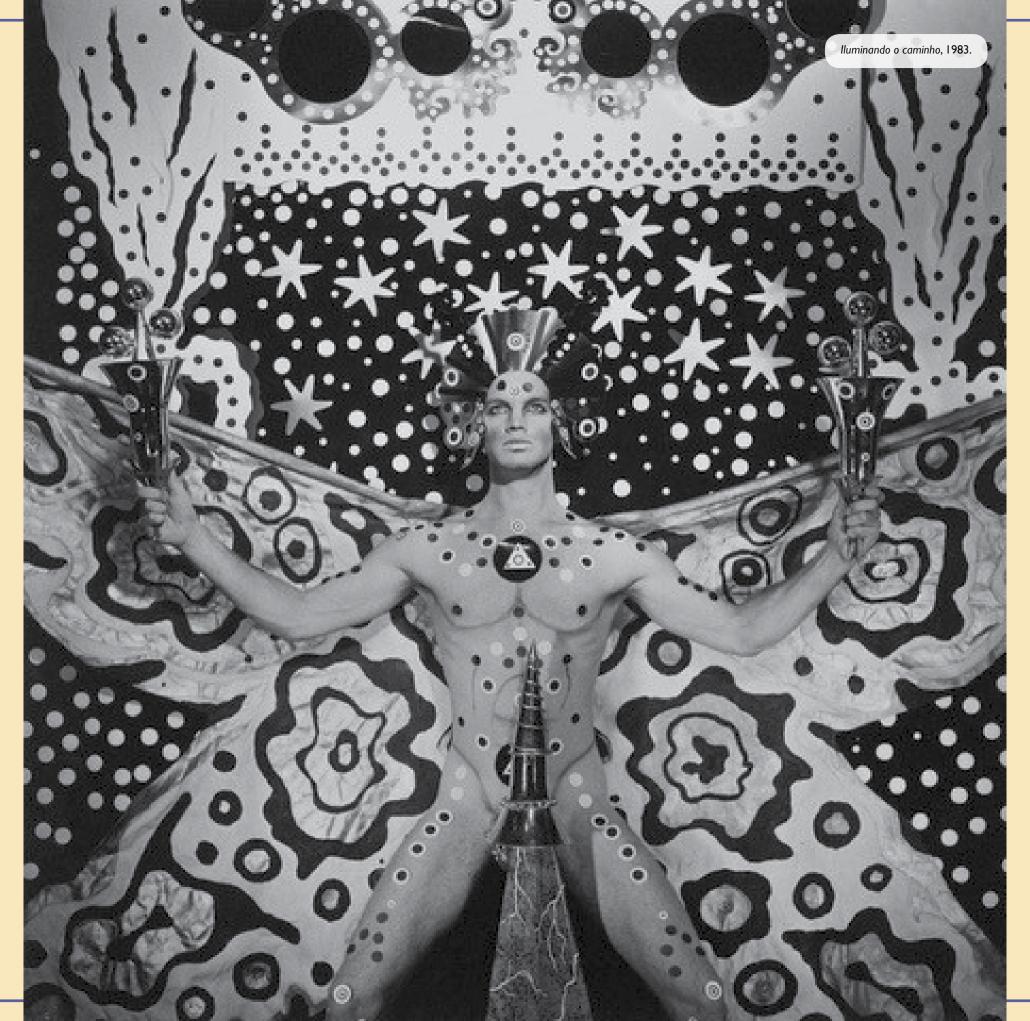
Steven Arnold por Don Weinstein.





Em 1958, Arnold entrou na Oakland Technical High School, onde conheceu não só sua amiga, musa e colaboradora de longa data, Pandora, como também sua mentora e fonte de inspiração, a professora de arte Violet Chew. Foi, então, apresentado a métodos chineses para uso da arte como meio de explorar e resolver problemas da alma que tiveram grande impacto em sua produção artística. Chew viu o potencial de seu aluno e conseguiu que ele ficasse mais tempo com ela para que pudesse ensinar história da arte, moda, mercado e até mesmo filosofia oriental.

Depois de se formar em 1961, Arnold ganhou uma bolsa integral para o San Francisco Art Institute. Três anos depois, depois de tirar notas perfeitas por dois anos no Instituto, decidiu estudar na École des Beaux-Arts, em Paris. Porém, a rigidez do ensino tradicional francês fez com que o artista optasse por passar um período na costa da Espanha com amigos, vivendo em uma comunidade hippie e experimentando LSD em suas pinturas e fantasias.



Esta nova droga era tão eufórica e visionária, tão positiva e expansora da mente... Eu ascendi para outra dimensão, uma tão bela e espiritual que nunca mais fui o mesmo.

Arnold retomou seus estudos no San Francisco Art Institute em 1965 com foco na produção de filmes e, em dois anos, escreveu, dirigiu e desenhou três curtasmetragens. No final de 1967, prestes a se formar, seu último filme como estudante, Messages, Messages (estrelado por Ruth Weiss) chamou a atenção da crítica e recebeu convites para participar de importantes festivais internacionais, como Cannes e os festivais de Chicago e Toronto. Isso levou Arnold e o colaborador Michael Wiese a alugar o Palace Theatre em North Beach, São Francisco, para realizar a estreia do filme, junto a uma seleção de filmes de Man Ray, George Méliès e algumas antigas animações francesas. A noite foi um sucesso tão grande que o dono do teatro permitiu que Arnold continuasse a fazer

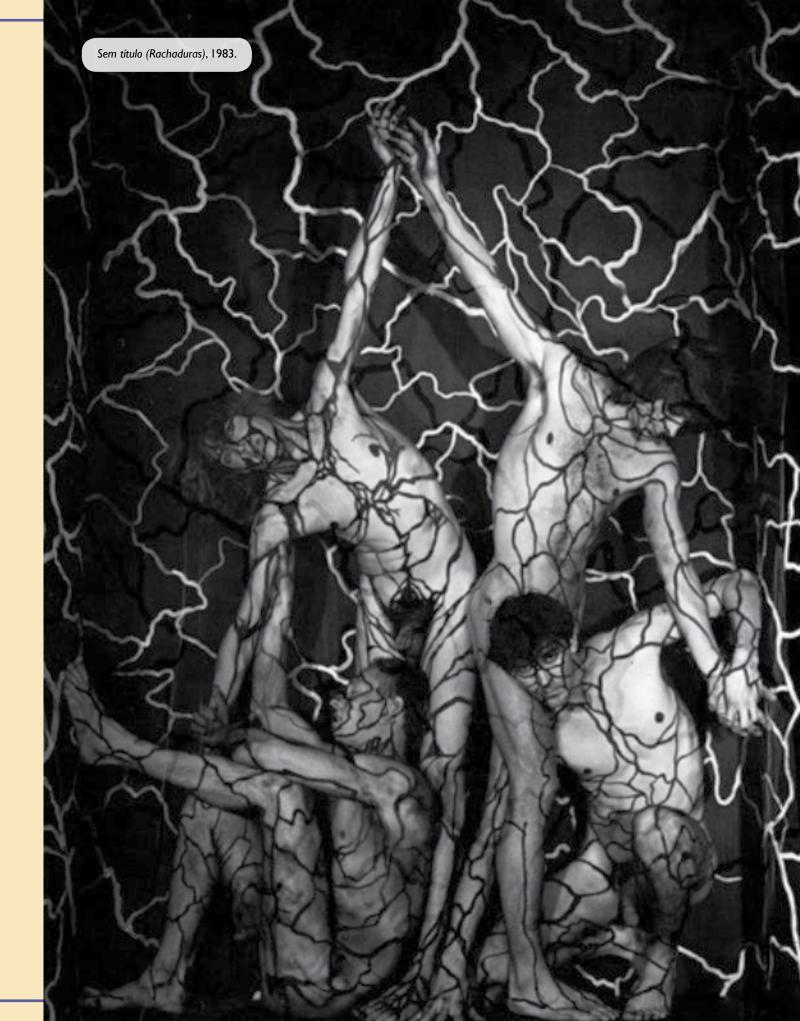


Cartaz de um Nocturnal Dream Shows.

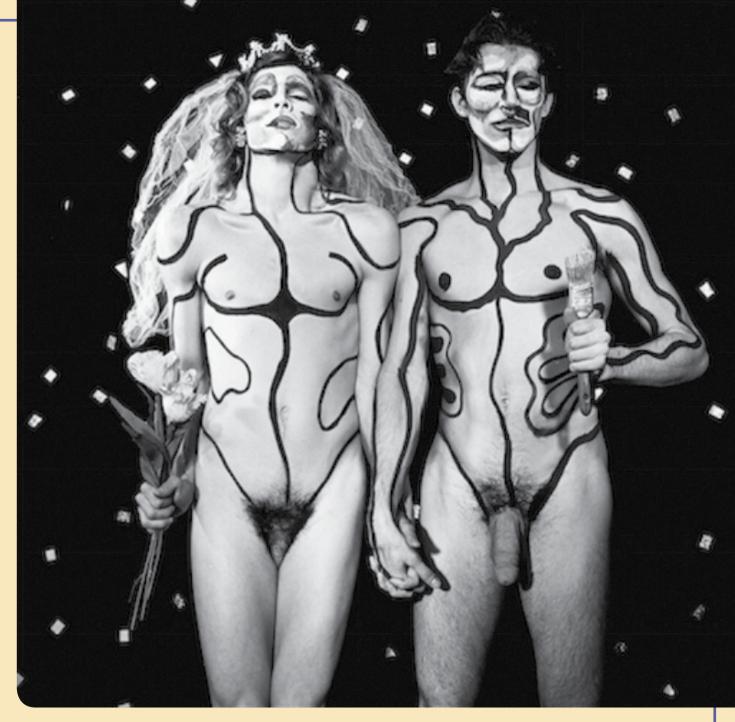
as exibições e, em 1968, inaugurasse o *Nocturnal Dream Shows*, uma seleção de filmes exibidos à meia-noite que se tornaram populares na década de 1970.

Seu filme *Luminous Procuress* (Alcoviteira luminosa, em tradução livre) lhe valeu o prêmio de Novo Diretor em 1972 no Festival Internacional de Cinema de San Francisco, uma exposição extensa no Whitney Museum of American Art e um segundo convite para a Quinzena dos Realizadores de Cannes. Salvador Dalí ficou tão impressionado com o filme que providenciou uma exibição privada para a elite de Nova York, incluindo Andy Warhol, que também elogiou o gênio do filme. Arnold tornou-se um dos favoritos de Dalí e, em 1974, foi estudar com o pintor na Espanha. Dalí apelidou Arnold de "príncipe" de sua "Corte dos Milagres", que incluía outros ícones da contracultura, como Andy Warhol, David Bowie e Mick Jagger.

Arte é revolução, ou nada. – Steven Arnold



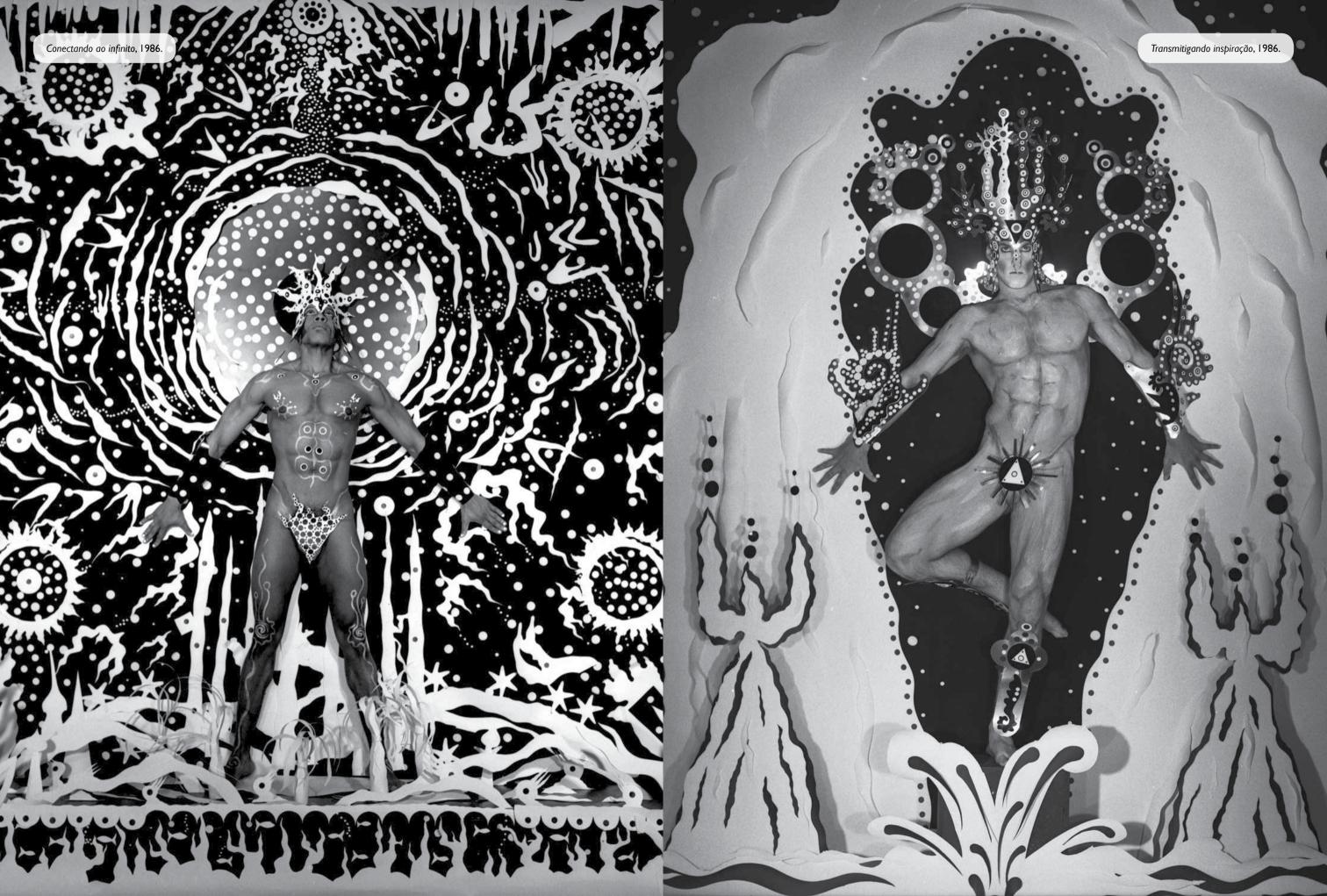


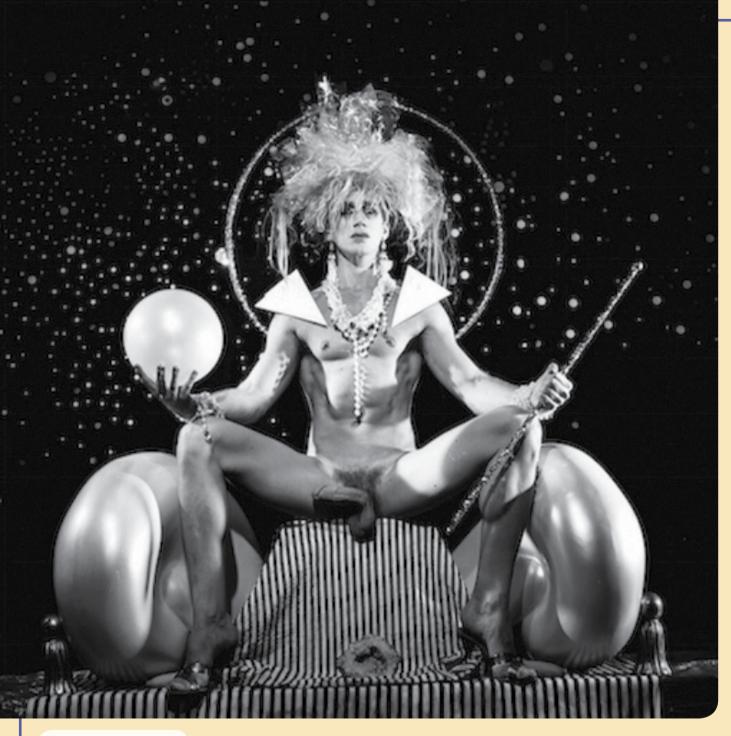


Sem título (Casal), 1985.

Sem conseguir fazer qualquer progresso em outros projetos de filmes, Arnold foi em busca de novos modos de expressão. Com um olho surrealista para a proliferação de detalhes e uma abordagem atrevida do mito e do mistério, transformou seus súditos, quase todos nus, em deuses e deusas alados, coroados e levitando. Estabeleceu, então, seu estúdio de fotografia em Los Angeles, onde, de 1982 a 1989, produziu milhares de tableaux-vivants* fotográficos que o devolveram à fama.

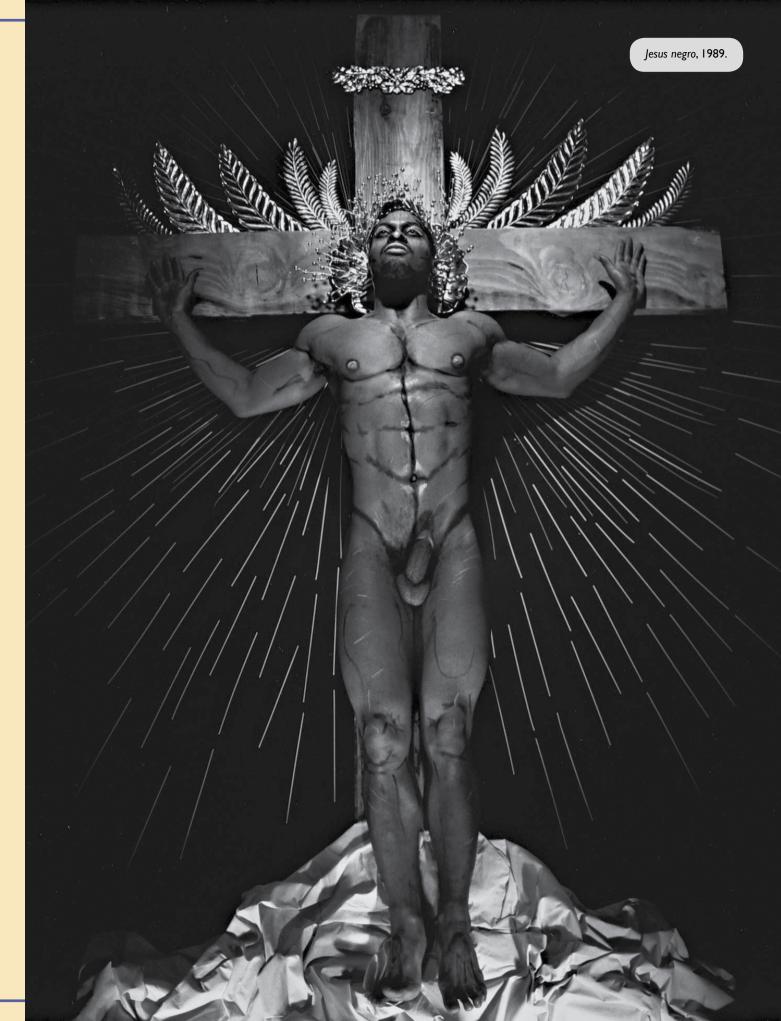
* Expressão francesa para "pintura viva" um tipo de encenação teatralizada e estática usada por artistas visuais como modelo. Era uma síntese de múltiplas formas de arte combinando pintura, escultura, teatro, balé, cinema, vídeo, desenhos, óperas e escritos como um reflexo da cultura.





Sem título (Varinha), 1985.

Seus cadernos de esboços – iniciados em suas viagens psicotrópicas – foram aumentando. Arnold trabalhava a noite toda e acordava no meio da tarde para registrar seus sonhos inspirados em religiões mundiais, sexualidades, obras de artes, arquétipos junguianos, atitudes sociais e muito mais. Na tentativa de atingir um público universal, usou esse um conjunto de simbologias para criar relicários ou santuários. Tornou-se, assim, um ícone da cultura underground queer nos EUA, expandindo suas visões polímatas da fotografia tanto para a pintura quanto para a escultura.

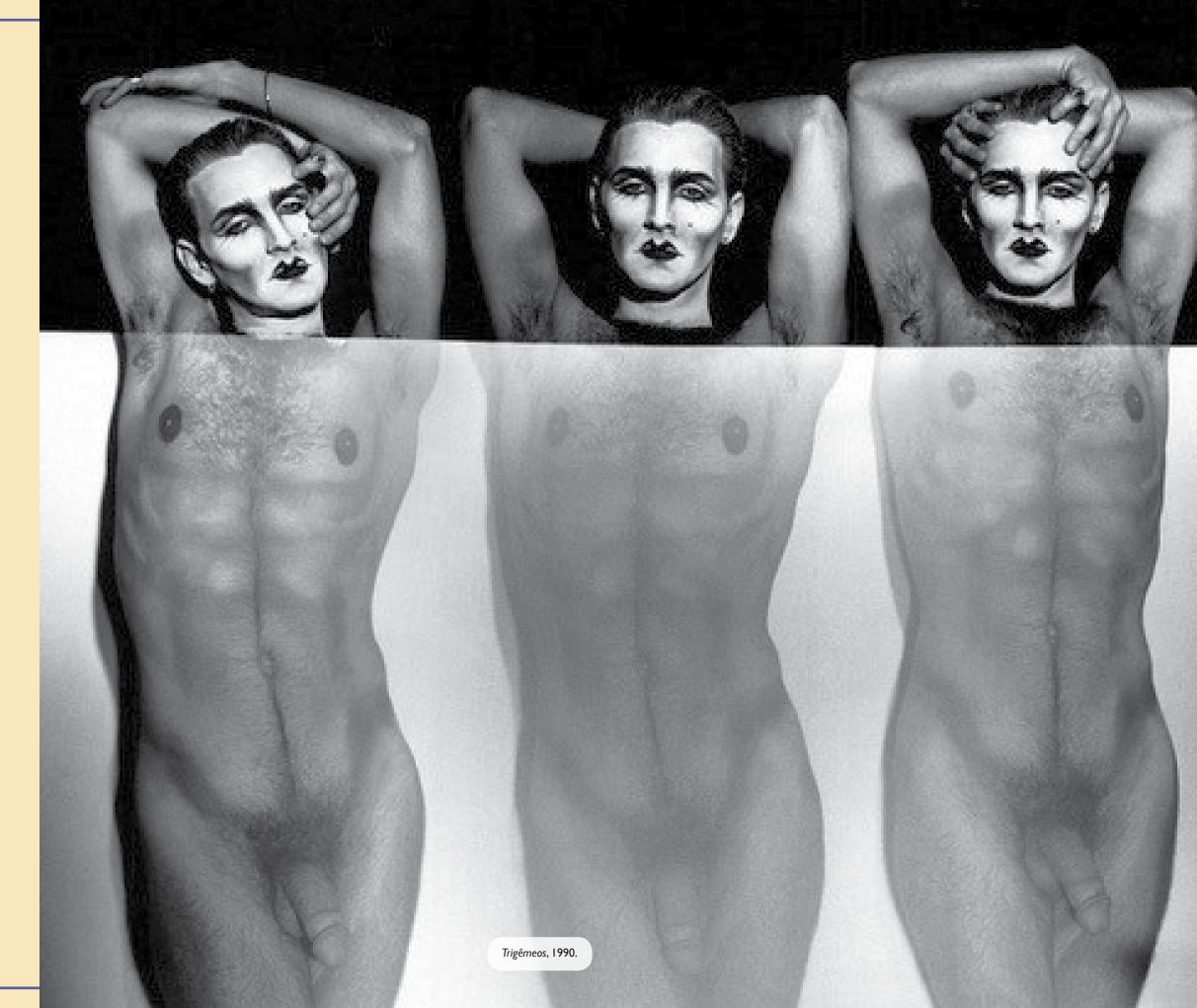


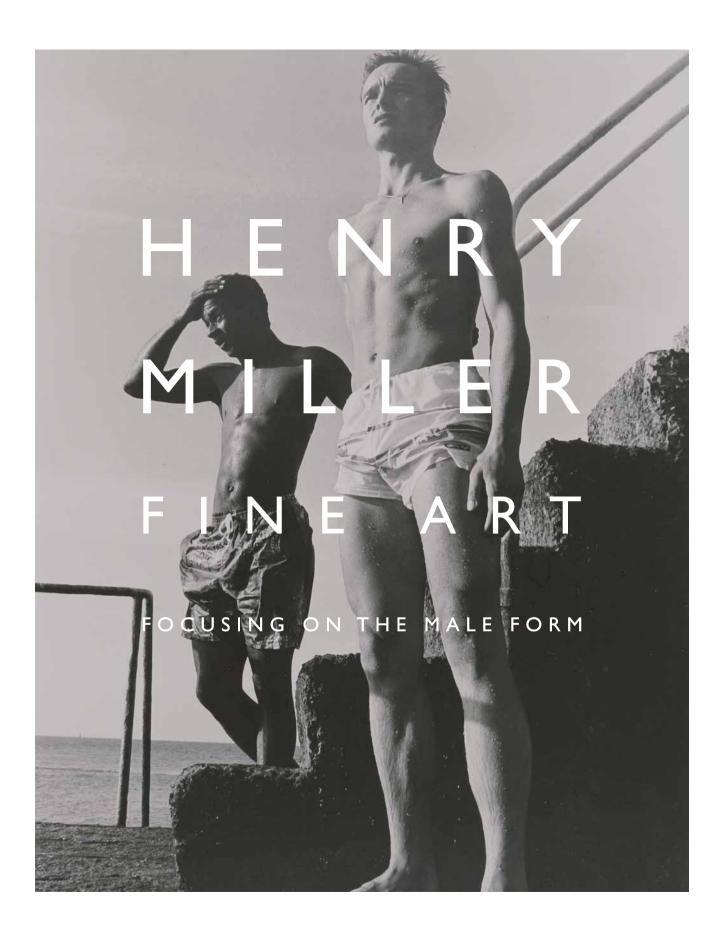
No auge de sua popularidade, em 1988, Arnold foi diagnosticado com AIDS e veio a falecer em 1994. Seu vasto catálogo artístico está em grandes museus do mundo e foi tema do documentário Heavenly Bodies, em 2019. Em 2014, foi criado o Steven Arnold Museum and Archives, uma organização sem fins lucrativos dedicada à preservação, exposição e estudo da obra do artista. Vishnu Dass, diretor do documentário e diretor da organização, disse em entrevista para a Huck Mag que "ao invés de focar na destruição iminente pela perda de uma geração, Steven criou imagens de anjos masculinos ascendendo ao cosmos". Dass costuma chamar Arnold de Queer Mystic, não apenas por causa de suas idéias de uma fusão não-binária de gênero na consciência, mas também devido ao seu profundo desejo de trazer aquelas partes da expressão e da sexualidade humanas que foram envergonhadas ou fechadas para um diálogo espiritual mais amplo: "ele descaradamente escolheu o amor e reconheceu a divindade em tudo."

Eu me entrevisto o dia todo.
Quem nunca? Discuto e deliro
sobre bem-aventurança, o
processo criativo, anjos, ouvir
uma mensagem superior,
apreciação de seus dons... A
melhor maneira de elevar a
consciência? Faça o trabalho
com amor. Amor é compartilhar.
Compartilhar a mensagem. —
Steven Arnold, 1987

8=D







WWW.HENRYMILLERFINEART.CO.UK +44(0)20 85092044 HENRY@HENRYMILLERFINEART.CO.UK (0)7769 700290

Falo em Foco



Homem nu com flores, fotografia de Orion Delain, c. 198-.

"O rei está nu!"

por Filipe Chagas

A roupa nova do imperador é um conto popular dinamarquês de autoria de Hans Christian Andersen, publicado em abril de 1837 (junto a "A pequena sereia") sobre um vaidoso governante que fica exposto na frente de seus súditos.

Acredita-se que o conto foi inspirado numa história encontrada no Libro de los ejemplos (ou El Conde Lucanor, de 1335), uma coleção medieval espanhola com contos morais de várias fontes e diversas origens, compilados pelo escritor Don Juan Manuel (1282-1348). Tal história já seria uma adaptação de um conto indiano que aparecia em uma antologia de fábulas (agora perdida), o Nirvanalilavati de Jinesvara (1052).

No conto espanhol – chamado *O que aconteceu com o rei* e os três impostores –, um rei recebe maliciosamente de três tecelões um traje que seria invisível a todos menos àqueles que são filhos legítimos e todos fingem ver, mesmo seus "filhos adúlteros". Já no indiano, um único e desonesto comerciante oferece ao rei uma vestimenta que não podia ser vista ou tocada por qualquer pessoa de nascimento ilegítimo. Quando o rei supostamente está usando a vestimenta, toda a corte finge admirá-la. Em um desfile pela cidade para exibir a vestimenta, o povo lhe pergunta se ele havia se tornado um ermitão nu; ele percebeu que fora enganado, mas o vigarista já havia fugido.

A semelhança entre ambas é clara. Andersen não conhecia os originais, pois teria lido uma versão da coleção medieval traduzida para o alemão intitulada *So ist der Lauf der Welt* ("É assim que o mundo funciona"), e alterou o foco da paternidade ilegítima para a vaidade cortesã. Todavia, sabe-se que Andersen resolveu escrever sua história após se lembrar de uma passagem em sua infância, quando em um desfile na presença do Rei Frederico VI, percebeu que o rei era nada mais do que um homem e fora repreendido severamente por sua mãe. Então, sua história ficou assim:



llustração de Vilhelm Pedersen, primeiro ilustrador de Andersen, 1849

m bandido (em algumas versões são dois), fugindo de outro reino, decidiu se esconder e fingir ser um alfaiate nas terras de um imperador conhecido por seus altos gastos com roupas. Muito malandro, o "novo alfaiate" conquistou a todos e até conseguiu uma audiência com o Imperador.

"Nas terras distantes de onde vim, inventei uma forma de tecer a melhor de todas as roupas!" disse o farsante alfaiate. E continuou "Consigo tecer uma roupa que somente os inteligentes conseguem ver!". O imperador, muito vaidoso, gostou da proposta e pediu ao bandido que fizesse uma roupa dessas para ele.

O bandido recebeu vários baús de riquezas, rolos de linha de ouro, seda e outros materiais raros e exóticos, exigidos por ele para a confecção das roupas. Ele guardou todos os tesouros e ficou em seu tear, fingindo tecer fios invisíveis. Todos passavam na frente da alfaiataria e ele não parava de fazer sua performance: puxava panos, cortava o ar, olhava com cara de quem poderia fazer melhor, refazia e pendurava nada no cabide. E assim o fez por semanas, enquanto recebia o dinheiro do imperador. Claro que todas as pessoas que passavam pela janela alegavam ver o tecido para não parecerem estúpidas.

Até que um dia, o imperador se cansou de esperar e quis ver o progresso do suposto "alfaiate". Quando o falso tecelão mostrou a mesa de trabalho vazia, o imperador exclamou: "Que lindas vestes! Fizeste um trabalho magnífico!", embora não visse nada além de uma simples mesa, uma vez que dizer que nada via seria admitir na frente de seus súditos que não tinha a capacidade necessária para governar.

Os nobres ao redor soltaram falsos suspiros de admiração pelo trabalho do bandido, nenhum deles querendo que achassem que era incompetente ou incapaz. O bandido garantiu que as roupas logo estariam completas e o imperador resolveu marcar uma grande parada na cidade para que ele exibisse as vestes especiais.

Durante o evento, contudo, uma criança, inocente e sincera, gritou "O rei está nu". O grito paralisou o evento, e a sinceridade e o olhar da criança tocou aos presentes. Os burburinhos comecaram e todos começaram a confessar que não enxergavam a nova roupa do imperador.

Incomodado por não sentir o peso da roupa, o imperador se encolheu por um segundo em sua vulnerabilidade e depois decidiu ostentar sua nudez com tamanha convicção que deixou a todos na dúvida se existia ou não uma roupa. Alguns até chamaram a criança de mentirosa, e o bandido já havia fugido com as atenções voltadas para o desfile.







Diz-se que na primeira versão do conto, Andersen punia o(s) bandido(s), porém, quando o manuscrito estava na gráfica, ele teria alterado o final. Essa mudança teria ocorrido em virtude de uma passagem na vida do autor: ou uma referência à sua aceitação na esnobe burguesia dinamarquesa ou a leitura do manuscrito para uma criança que deu uma resposta diferente.

A roupa nova do imperador tornouse um dos contos mais conhecidos de Andersen e adquiriu um status de ícone global e metáfora padrão para qualquer coisa que chegue a pretensão, pompa, hipocrisia social, negação coletiva, ostentação vazia e não questionamento dos padrões. Inúmeras adaptações para TV, cinema e teatro foram feitas.

O conto estabeleceu o autor como um escritor capaz de transmitir mensagens moralizantes e – especialmente neste

caso – de "romantizar" as crianças, dando-lhes autonomia e coragem para desafiar a autoridade a partir da verdade e da simplicidade. Por causa dessa reputação com o público infantojuvenil, as ilustrações do século 19 não mostram a nudez do imperador: ele é costumeiramente retratado usando as roupas de baixo da época, como se fosse um camisolão ou uma ceroula.

> Por essa razão, provoquei os artistas RAFAEL **DAMBROS** e **MARCOS** ROSSETTON a darem suas visões ao conto.

> Nestas páginas, você vê o trabalho de Dambros, que produz o bordado do rei nu em uma roupa íntima usada para esconder a nudez e o transforma numa tela.

E, nas páginas seguintes, você verá a produção de moda e fotografia de Rossetton, que traz um monarca do século 21.

A rei está nu (e crua!)



















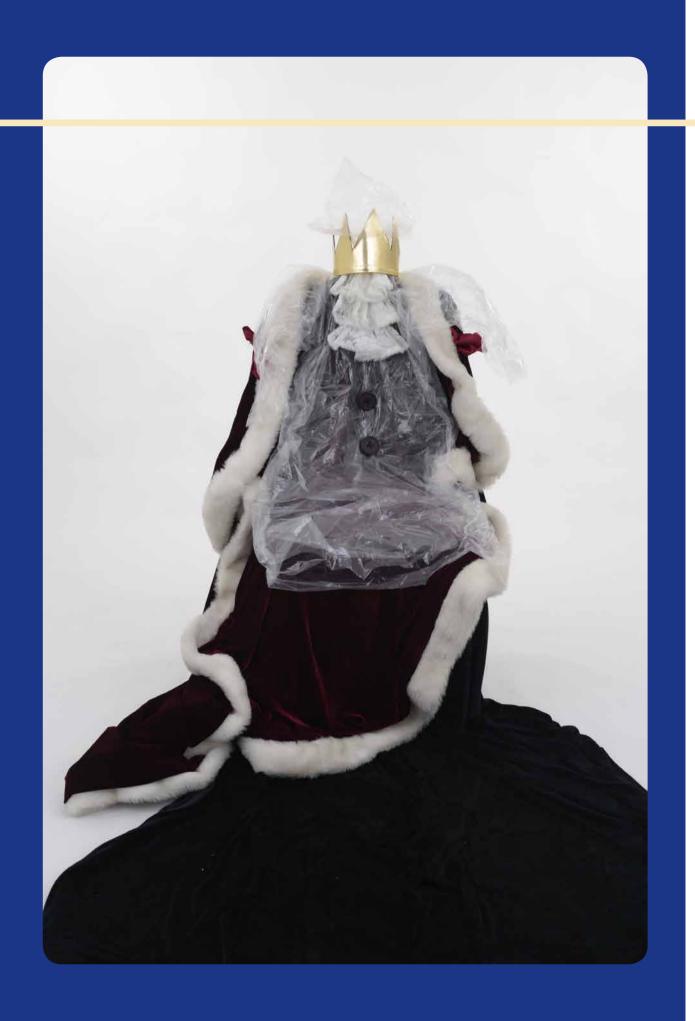
Concepção criativa (fotografia, figurino e styling) Marcos Rossetton @rossettonjobs

Luz de estúdio Antonio Rogério Cazzali @arcazzali

Modelo não binário Vinny Pariz @vinnypariz

Maquiagem Vitor Figueroa @vitorfigueroabeauty

Apoio Brechó Minha Avó Tinha @minhavotinha





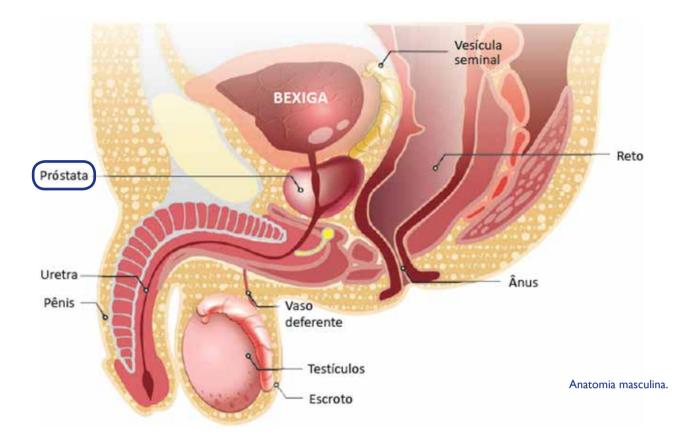
or mais incrível que pareça, o Ponto G ainda permanece um mistério para muita gente no século 21. É bem verdade que o mundo globalizado e conectado já estabeleceu que ele fica no clitóris feminino (ainda polêmico isso), mas daí a achá-lo e saber dar prazer a uma mulher é uma outra história. No homem, a coisa é mais explícita: a semelhante origem embriológica do clitóris com a glande peniana e a sensibilidade de ambos deixa claro que a genitália masculina deixa o ponto de prazer masculino bem exposto (ou "encapuzado" pelo prepúcio).

Entretanto, os corpos possuem diversas zonas erógenas que vão além das genitálias. Pra quem não sabe, zonas erógenas são partes do corpo que podem funcionar como "gatilhos" para o prazer e a excitação sexual porque são extremamente ricas em terminações nervosas e, portanto, extremamente sensíveis a estímulos. Mamilos, nuca, pés ou até mesmo os cotovelos... Encontre a(s) sua(s) com bastante exploração do corpo, seja na masturbação ou com um (ou mais) parceiro. Só não esqueça: a maior zona erógena é o cérebro! Isso mesmo! Sem demagogias mas com cliché: é na nossa mente que a coisa se intensifica ou não.

Tá... mas é aí? O que é esse Ponto P, afinal?

Somos uma sociedade tão falocentrada e heteronormativa que o pênis recebe todos os holofotes da sexualidade masculina, ignorando inúmeros outros pontos de prazer. Até mesmo uma lambida no mamilo corre riscos de sofrer censura e uma chupada nos testículos pode acabar em briga pela proximidade com as "regiões proibidas". Acontece que é lá mesmo que o **Ponto P** está.





P de Próstata (e mais!)

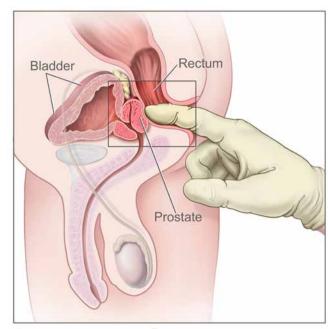
Primeiro, vamos logo entender uma coisa: próstata não é cu.

Cu todo mundo sabe o que é, onde é e pra que serve (será?). Por ser inteiramente enervado, o ânus também é uma zona erógena intensa para quaisquer gêneros e/ou orientações sexuais — até porque o excesso de tabus em torno dele acessa uma série de reações cerebrais que, como dito anteriormente, podem aumentar (ou não) o prazer no local.

Já a próstata é uma glândula do sistema reprodutor masculino que produz um fluido alcalino de aparência leitosa que serve de condutor para os espermatozóides e é emitido na ejaculação. Resumindo: ela produz a sua gozada. Do tamanho de uma noz, sua localização é abaixo da bexiga, com a uretra passando por ela. Sua rede venosa recebe sangue da bexiga, do pênis e do reto, o que já nos revela não só sua sensibilidade pela vascularização, mas também suas possibilidades erógenas.

O ânus é a via de acesso mais fácil para a próstata. Para localizá-la, é preciso introduzir o dedo no ânus, na parede anterior (em direção ao pênis) numa profundidade equivalente a 2 ou 3 cm*. Esse procedimento se tornou fundamental para a prevenção da saúde masculina através do famoso — e tolamente temido — toque retal. Há relatos científicos de homens que descreveram sensações semelhantes à estimulação do Ponto G feminino após massagearem a próstata com o dedo ou o auxílio de um brinquedo sexual devidamente higienizado e protegido. Esse intenso orgasmo indica que eles encontraram o Ponto P.

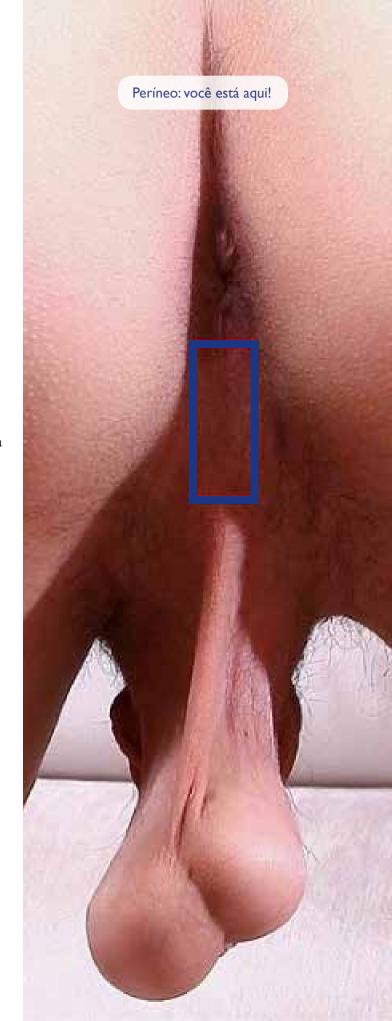
* Ei... você aí! Você leu essa medida aqui? Você precisa de <u>apenas</u> 2 ou 3 cm para conseguir atingir o **Ponto P**, ou seja, aqueles 20 cm tão desejados são, na verdade, totalmente desnecessários. Se liga e vá curtir quem sabe te dar prazer: tamanho definitivamente <u>não significa NADA</u>!



O temido e necessário exame do toque.

Anatomicamente fica fácil de entender que massagear uma área extremamente vascularizada e sensível responsável pela "porra" através de outra área extremamente vascularizada e sensível que vem carregada de questões sociais e emocionais é uma enorme fonte de prazer. Contudo, psicologicamente já sabemos que o buraco é realmente mais embaixo, especialmente num mundo onde os paradigmas da masculinidade vem sendo derrubados e a ignorância da Era da Informação se expande de forma quase inexorável (pra quem acha que estou exagerando, saiba que existem homens que não limpam a bunda para não tocar no cu).

Existe uma forma não-invasiva de estimular a próstata, através da massagem de outro P: o Períneo, o espaço entre o saco escrotal e o ânus, exatamente no meio das pernas de todos os corpos humanos, composto por um conjunto de músculos e tendões. Ao massageá-lo com leves pressões, a musculatura empurra de leve a próstata e, assim, a estimula. Por ser na tal "região proibida" também ativa a grande zona erógena cerebral e, por ser sem penetração, a brincadeira pode ficar super divertida (se o lado macho alfa permitir).



Um estudo inglês da Universidade de Sheffield apresentou um homem de 63 anos que começou a usar um estimulador por recomendação médica para aliviar as dores causadas por uma inflamação na próstata. Mesmo sem ter fantasias sexuais durante o uso, o homem se "viciou" no equipamento por ter se tornado altamente orgásmico. Justamente por isso, ele abandonou o uso, porém, ele percebeu que, ao se deitar e ficar na mesma posição de quando fazia uso do massageador, conseguia atingir o orgasmo apenas contraindo os músculos do períneo. A partir daí, ao se masturbar ou ter relações sexuais, descobriu-se multiorgásmico: ele era capaz de gozar até 10 vezes antes da ejaculação final!

Essa contração dos músculos do períneo é mais um P que precisa ser conhecido: o **Pompoarismo**, uma antiga técnica tântrica que consiste na contração e relaxamento do músculo pubococcígeo, localizado no assoalho pélvico... no períneo. Para o domínio da técnica, indica-se os *ben-wa*, pequenas bolas tailandesas ligadas através de um cordão, e podem ser usadas tanto por homens quanto por mulheres. Para os homens, também são sugeridos os exercícios de "levantamento de peso" usando o pênis ereto, como, por exemplo, pendurar uma toalha nele. Afirma-se ainda que o pompoarismo pode ser benéfico contra incontinência urinária e ejaculação precoce. Em 1948, Arnold Kegel resolveu pegar a técnica milenar e chamar de *Exercícios Kegel*. Coisa de americano colonizador...

Até a década de 1960, o *fio terra** era indicado no tratamento da prostatite junto a antibióticos, mas sem garantia de resultados efetivos (dizem que alguns locais da China ainda indicam). O que se sabe é que uma ejaculação regular (de 3 a 5 vezes por semana) mantém a próstata em funcionamento e reduz as chances de doenças na região.

Percebeu a quantidade de benefícios ao cuidar bem da "região proibida"? Se você não se animou a adotar a prática (nem mesmo sozinho, no banho, sem ninguém ver ou saber), pelo menos vá ao médico e cheque sua saúde. Você merece! 8=D

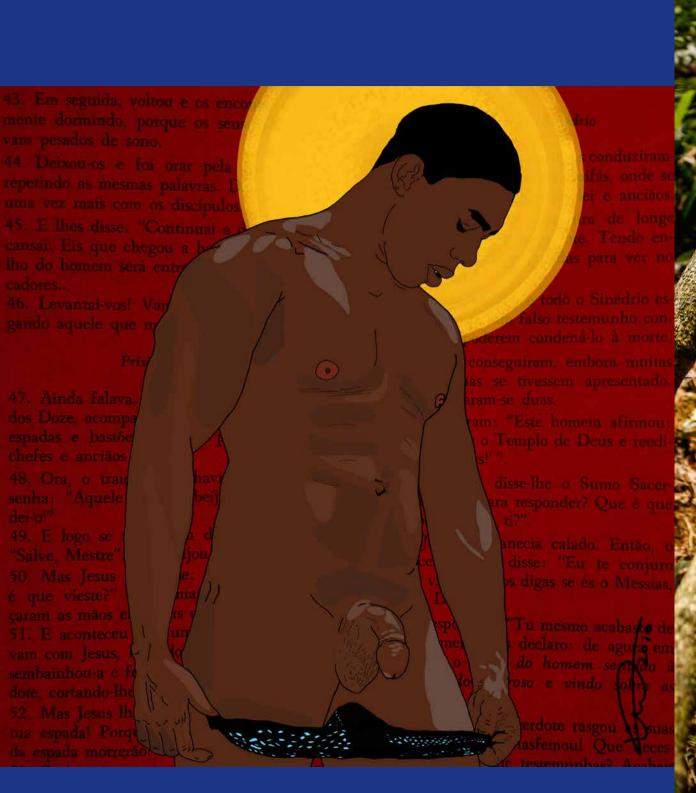
*Você já se perguntou a razão do nome *fio*terra para a massagem prostática? Em física elétrica, o fio terra é o condutor neutro que conecta um dispositivo à Terra e serve de referência para o escoamento de energia de sobrecarga e sobretensão. Nem preciso explicar mais, certo?

Bolas ben-wa.



E pensar que o ET já avisava que um dedinho curava tudo...









0

BiblióFalo

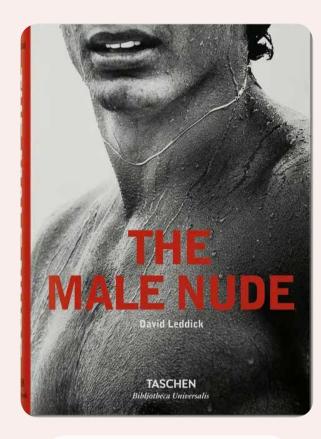
The Male Nude

de David Leddick / Taschen (2000)

om um título desse e uma capa dessa era óbvio que eu iria adquirir essa publicação com mais de 500 páginas! Sendo da Taschen então, era garantia de grandes imagens inéditas e históricas.

E sim, tem tudo isso e muito mais: o texto de David Leddick é muito interessante e valioso! Através da história da fotografia, ele traça uma cronologia da representação da nudez masculina. Tem Thomas Eakins, Wilhelm von Gloeden, George Platt Lynes, PaJaMa, Robert Mapplethorpe, Bob Mizer e muitos outros nomes fundamentais.

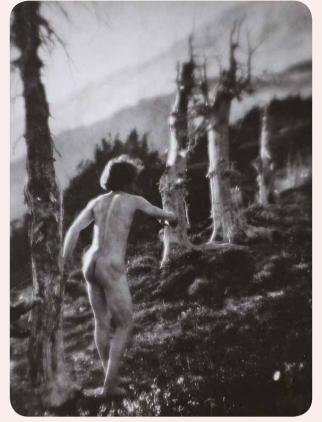
O autor começa falando da forma de valorização do corpo masculino na Grécia antiga, passa pelo Renascimento que retoma a representação clássica da nudez e o Neoclassicismo que volta aos ideais gregos, mas com moralidades. Ele deixa claro que a fotografia não só liberta a pintura de sua função de mero registro, permitindo-a desenvolver sua própria autonomia, como



Capa da edição de 2018 com textos em português, espanhol e italiano.

traz de volta a nudez masculina às Artes a partir dos estudos de movimento dos modelos vivos. Leddick mapeia os fotógrafos europeus: fala no proto-cinema de Eadweard Muyubridge como as primeiras imagens de nu masculino que não eram para estudo artístico mas para estudo científico, e ratifica Wilhelm von Gloeden com o primeiro a produzir imagens de nudez masculina para pura contemplação artística.

Os capítulos se dividem a cada duas décadas e, logo entre 1900 e 1920, Leddick traz uma informação extremamente relevante (e nova pra mim): em 1915, a fotógrafa Imogen Cunningham registrou seu marido nu em uma paisagem bucólica e isso alterou a recepção do nu masculino na Arte. Até então aqueles que retratavam homens nus eram imediatamente taxados de homossexuais, caso a obra não estivesse em um contexto acadêmico. Contudo, quando uma mulher foi a artista responsável pelo nu, os críticos e espectadores foram obrigados a olhar o



corpo do homem de outra forma e assumir que mulheres heterossexuais também podem admirar e desejar os modelos retratados.

Entre 1920 e 1940, Leddick lembra da cultura naturista e das revistas de fisiculturismo que foram essenciais para a nudez masculina, fosse de forma homoerótica ou para uso nas Artes. Após a Segunda Guerra Mundial, as produções fotográficas aumentaram. Bob Mizer desenvolveu um serviço de venda de fotografias de nudez masculina por correspondência e, em 1951, lançou a famosa revista *Physique Pictorial*, que deu espaço para inúmeros artistas, como Tom of Finland e Bruce La Bruce.

No início da década de 1960, a censura bateu forte e transformou toda nudez artística em obscenidade. Coube às revistas de fisiculturismo a enfrentarem tribunais para dar sequência à distribuição das imagens. Leddick induz que a década de 1970 banalizou a nudez masculina:

androgenia, bundas de celebridades...
Finalmente o corpo do homem parecia ter sido aceito. Mas não. A reação foi forte e a crítica severa... Até a chegada de Robert Mapplethorpe provando que um pênis pode ser Arte. A capacidade técnica de Mapplethorpe era indiscutível e suas obras começaram a ser vendidas por preços elevados. A fotografia de arte encontrava no nu masculino sua capacidade de chocar o espectador. Isso se refletiu na publicidade, que passou a entender a sexualidade masculina como gatilho de marketing, fosse por desejo ou por repulsa. Isso mesmo: ao odiar ou criticar, as imagens ganhavam ainda mais mídia.

Está mais do que claro o quanto esse livro é deveras importante para todos aqueles que se interessam por História, Arte, Fotografia e nu masculino. Entretanto, numa análise contemporânea e contextualizada, é possível perceber a construção dos estereótipos e padrões que o homem enfrenta até hoje: o corpo jovem e definido foi sempre a referência. São poucas as fotos de homens mais velhos e de homens negros. Não lembro de ver fotos de asiáticos e definitivamente não há homens gordos. O pênis começa de todos os tamanhos e formas como mais um elemento do corpo, porém, vai ganhando destaque até ser o centro da imagem e, consequentemente, bem grande.

Uma vez que este livro foi produzido em 2000, creio que Leddick deveria ter feito esse questionamento. Porém, o autor é um estadunidense branco nascido em 1930, ou seja, seu recorte é intencional. Por isso, afirmo que essa edição de 2018 merecia um pósfácio ou uma atualização com uma diversidade de corpos que vem sendo estudade, explorada e reivindicada há pelo menos uma década. 8=D



SHOP ONLINE (**)
falo-magazine.redbubble.com









FAko com você

Estamos entrando mais uma vez no mês da prevenção do câncer de próstata e meu pai ainda se recusa a buscar auxílio médico, tudo por conta da ideia retrógrada que ele tem sobre o que é ser homem. Temo pela saúde dele e já não sei mais o que fazer. Será que devo largar de mão e parar de insistir já que estou cansado de dar murro em ponta de faca?

G.P.M. Campinas/SP

Por mais cansado que esteja, você acredita que parar de alertá-lo te deixará realmente tranquilo?

Um dos grandes desafios da atual geração é justamente lidar com as gerações anteriores presas em convicções históricas erradas acerca do que é ser homem e mulher. Se um exame feito pelo toque retal faz com que sentimentos irreais de medo e vergonha do que os outros podem supostamente pensar sejam mais fortes do que cuidar da própria saúde, imagine o quanto esse homem não sofre com o machismo e a noção de virilidade que lhe foram atribuídos e construídos socialmente! Sabe a tal da masculinidade tóxica? Ela é fator decisivo não apenas na recusa ao exame de próstata, mas na violência doméstica e nos casos de suicídio.

Infidelidade e egoísmo são características quase sempre notadas nesse tipo de "macho" que se sustenta em comportamentos destrutivos para suas relações interpessoais e deteriorantes para ele mesmo. Entende-se que o homem branco heterossexual tem lugar privilegiado na sociedade; mas como pode ser bom deixar as mulheres em segundo plano e taxar as outras orientações sexuais como inferiores? Agarra-se a uma ideia de permanecer no "topo", mas tal posição traz muito mais mazelas que benefícios para todo mundo.

A sociedade é composta por um grande e múltiplo espectro de gêneros, não só por caixinhas descritivas e normativas correspondentes a homens e mulheres. Contudo, a forma como gerações anteriores aprenderam conceitos sobre cor/raça, gênero, classe, religião, cultura e pertencimento social, acabam sendo os grandes entraves para que nossos pais, tios e avôs não abracem ideias importantes para o bem estar social e deles mesmos.

Talvez vídeos, folders, panfletos, notícias de fontes confiáveis, depoimentos de outros homens, possam auxiliar seu pai a quebrar o próprio preconceito e buscar ajuda. Inúmeras pesquisas apontam que, se diagnosticado precocemente, o câncer de próstata pode ser curado. São alguns segundos que podem salvar uma vida.

É importante continuar tentando, mas não se culpe se não obtiver o progresso desejado. Como você mesmo disse, está cansado de dar murro em ponta de faca.

Mais um ano se aproxima do fim e comumente faço um balanço do que aconteceu para começar a projetar o ano seguinte. Contudo, 2020 se tornou um dos anos mais complicados da minha vida (e acredito que de uma maioria) por conta da pandemia. Me senti (e sinto) vivendo diversos lutos, que vão desde a perda de pessoas queridas até o fracasso em planos profissionais, relacionamentos e diversos outros campos da vida. Sentimentos que sempre neguei demonstrar para o outro e para mim mesmo, como tristeza, vazio e raiva, tornaram-se frequentes. Gostaria de saber o que faço com toda essa bagagem e se ainda dá pra resgatar as esperanças para projetar de forma mais consistente o ano seguinte.

S.A. Florianópolis/SC

É importante reconhecer as próprias dores e perdas. Seguir adiante requer muito esforço e dedicação. Não dá pra apagar as experiências que tivemos, somente porque elas são frustrantes e mudamos totalmente os rumos daquilo que planejamos. Admitir a própria dor não deslegitima a dor do outro. Estamos tão obcecados em buscar felicidade — e, sobretudo, a mostrar isso pros outros nas redes sociais — que ficar triste, chorar e sofrer parece ser uma falha.

2020 trouxe outros tipos de reflexões e aprendizados que deveriam fazer mais parte do cotidiano, no entanto ficam sempre em segundo plano: a sensação de finitude da vida, a necessidade de cuidar da saúde física e psicológica, o mínimo de empatia pelo outro para evitar o fracasso como seres humanos, dentre outras coisas.

Todo mundo achou que no início da pandemia seria fácil manter uma rotina de isolamento com leitura, estudos, trabalho, foco e determinação. Quantos livros ficaram pela metade? E aquela plantinha que jurei ir regando todo dia, mas morreu? Quantas receitas de bolos e pães não amenizaram em quase nada os sentimentos de angústia ou ansiedade? E as lives que viraram febre, tornando-se quase um mandamento participar de alguma no intuito de cobrir a sensação de pertencimento social da qual fomos retirados? Evidente que existem pessoas para as quais a pandemia surtiu efeitos positivos, mas é fato que todos estão sentindo em níveis diferentes a dor que esse momento está nos trazendo. É importante refletir sobre nossos sentimentos negativos e aceitá-los para, somente assim, podermos superá-los.

Não tenha receio: faça seu balanço anual de forma crua e verdadeira. Só assim dá pra buscar mecanismos melhores e alimentar a chama de vida que nos impusiona a seguir adiante mesmo com todas as adversidades que o mundo implica. A pandemia continua, nossa realidade segue alterada e não dá pra agir como se estivesse tudo bem. Tomar consciência de si e se

permitir viver as próprias tristezas equivale a enfrentar uma batalha árdua e necessária contra os próprios demônios interiores.

Que tenhamos um 2021 mais conscientes, presentes e felizes.



moNUmento

A Falo Magazine tem por princípio máximo o conhecimento livre. Sempre foi pensada de forma gratuita e online, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

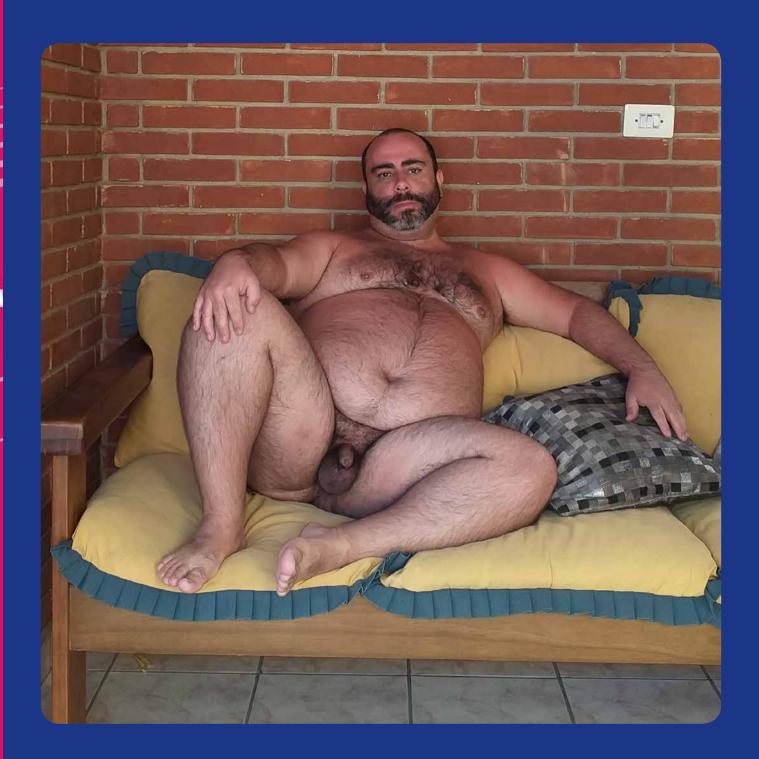
O trabalho é árduo. Uma única pessoa é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das assinaturas mensais!



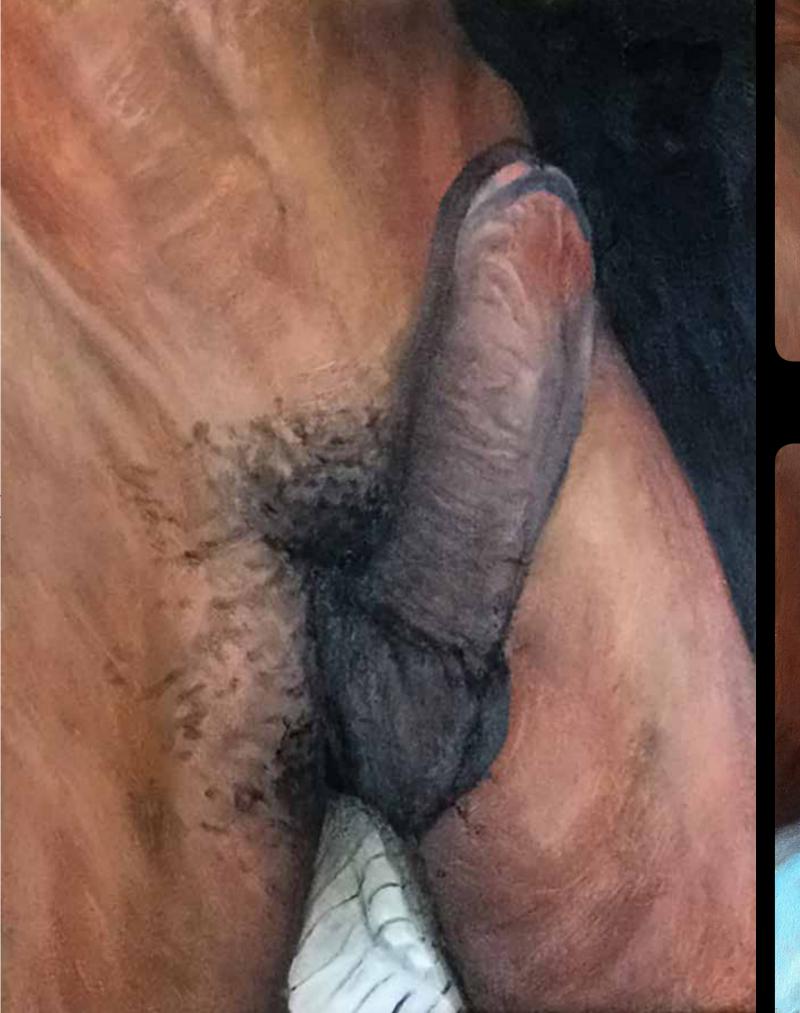


Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Carlos Torres, Daniel Caye, DUOCU, Heráclito Vilaça, Júlio Lima, Leandro Guimarães, Marcelo Augusto, Miguel Casafont-Broutin e Orlando Amorim.



Modelo: Michel Bear. Foto: Autorretrato.





Na página ao lado: Touros II, óleo sobre tela, 2017. Acima: Touros III, óleo sobre tela, 2017. Abaixo: Touros IV, óleo sobre tela, 2018.



Sermos vistos como fortes e bem dotados, não nos deixa ver a desumanização, o abuso e a ideia por detrás desta fantasia. Eu como homem preto já gostei muito dessa ideia, que reforça estereótipos, mitos que há séculos nos coloca no lugar do animalesco, de animal de carga, animal sem controle violento e sexual, lugar de escravo.

Ideia que tantas vezes nos criminalizou – e ainda criminaliza –, pois, além de bandidos, já fomos – e ainda somos – acusados de estupradores por natureza, identificando-nos também, como uma ameaça à masculinidade do homem branco, ameaça essa que precisa ser combatida.

Ideia essa que nos isola de forma real e quase de forma natural, em um lugar onde não podemos ter caráter, aspirações, fraquezas, competências, medos, muito menos amor e intelecto.

Onde devemos ser apenas "touros" bem dotados para a satisfação, reprodução e abate.









ISSN 2675-018X falonart@gmail.com







